

Olhares estético poéticos para responder ao tempo de agora

Rodrigo Rocha Rezende de Oliveira¹

Introdução

Para iniciar a fala, gostaria de retomar alguns pontos que já havia comentado na última apresentação que fiz na Abralic, realizada no ano de 2021, intitulada “O conceito de engajamento no meio literário em um diálogo entre W. Benjamin e Sartre”, o que aponta para continuidade de um trabalho em curso. Desse modo, procuro enfatizar um interesse de pesquisa direcionado pela configuração do conceito de engajamento político literário e, particularmente, por uma leitura de Walter Benjamin como intelectual engajado, que inaugurou uma forma de engajamento paradigmático a partir dos seus escritos, sobretudo, de crítica literária. No entanto, bem antes de retornar à filosofia que me serviu como dispositivo para pensar o fenômeno do engajamento no meio artístico, senti a necessidade de buscar os possíveis elementos que pudessem oferecer especificamente um horizonte histórico para tal discussão.

Neste percurso, ao levantar referências guiadas pelas palavras-chaves engajamento literário, primeiro deparei com o nome de Denis Benoit (2001), pesquisador que, a partir de um apanhado repleto de autores franceses, indo de Pascal a Sartre, desenvolve uma perspectiva sistematizada acerca do assunto. No livro, “Literatura e Engajamento - De Pascal A Sartre”, Benoit nos introduz a uma perspectiva acerca do conceito de engajamento literário que passa a servir como partida para as discussões que vislumbramos à frente:

A literatura engajada pode ser observada sob dois ângulos: como um momento da história da literatura francesa, ou, por outras palavras, como determinada corrente ou doutrina que tem seu auge entre as décadas de 1945 e 1955 antes de ceder a outras concepções ou práticas de escrita literária, que lhes escapam ou a ela se opõe (o “nouveau roman”, o pensamento estruturalista, a Nova Crítica, etc.); ou a literatura engajada enquanto uma figura transhistórica, que podemos encontrar em outros nomes e outras formas ao longo da história literária.” (BENOIT, 2001)

Tais elementos são muito propícios para que coloquemos uma interpelação junto à perspectiva do crítico francês, a fim de, justamente, alargar seu recorte à obra de Walter Benjamin, autor que contempla, de certa maneira, os dois ângulos eleitos pela estruturação

¹ Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto, mestre em Letras pela Universidade Estadual de Montes Claros e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Uberlândia, com pesquisa dedicada ao pensamento e crítica literária de Walter Benjamin, sobretudo, pautado pela noção de engajamento político literário na construção de sua atividade.

sugerida, antes mesmo que seus quesitos pudessem ser compreendidos separadamente ao precipitar um modelo de engajamento literário *sui generis*. Afinal, não seria Benjamin um crítico que, situado entre-guerras, havia disposto um modelo particular de engajamento intelectual no meio literário, assim como, estaria vinculado a corrente transhistórica daqueles que “preocupados com as questões em torno da vida e da organização das cidades, são defensores de valores universais como a justiça e a liberdade e vão, por esse motivo, muitas das vezes, tomar para si o risco de oposição aos poderes estabelecidos a partir de sua atividade literária” (Benoit, 2001, n.p)?

Mesmo guardadas as devidas margens conceituais, colocamos isso porque, ao pensarmos no crítico de literatura Walter Benjamin, antes de qualquer outra coisa, no lugar de intelectual engajado, as duas frentes são fundamentais para compreender sua crítica. Ou seja, sua inserção no contexto entre-guerras determinou seu comentário geral acerca do espólio literário (sobretudo, franco-germânico), à semelhança da determinação daquele repertório de questões, identificado por Benoit (2001), como traços comuns ao engajamento de um modo geral. Por exemplo, tais características estão presentes em textos como “Rua de Mão Única”, o ensaio sobre o “Surrealismo” e as teses “Sobre o conceito de História”, registrados entre os anos de 1928 e 1940. Inclusive, a interpretação que exercitamos faz uso dessa tensão inicial para pensarmos as diferenças e nuances que podemos recolher na leitura das textualidades que abordamos.

Além disso, como parte da construção interpretativa, associamos aos pressupostos uma advertência importante colocada pelos organizadores do Simpósio “Espectros de Walter Benjamin na poesia brasileira do século XXI” que previa: “não se trata aqui de mostrar a influência de Benjamin na Literatura Brasileira, em particular na poesia brasileira do século XXI, mas de relacionar a tensão de suas imagens dialéticas, alegorias e curto-circuitos poético-conceituais dentro de certo jogo contaminatório, no qual todas as peças se tocam e se transformam” (Lavelle, Ribeiro, Ribeiro, 2023, n.p). O pensamento benjaminiano, no seu impulso centrípeto reverbera seus timbres politizados nas linhas e reclames das canções de Chico César e com eles, cada expressão forte se torna um repertório de cânticos da resistência, ou, uma poética que se multiplica na exposição crítica das formas.

Chico César, musicista, compositor e poeta, igualmente contempla na leitura de sua obra uma tensão política radical e, assim, assume os reclames do seu tempo, conforme nas canções “Pico”, “Nada”, ou, Inumeráveis”, por força de um contato direto da arte com a atualidade e com as falências emergentes do capitalismo. Tendo por finalidade, um exercício com a linguagem que constantemente explora essa atmosfera catastrófica, Chico César pode

ser reconhecido como um artista engajado que explora o alcance político de sua obra por meio estético. Sobretudo, gostaria de destacar que as composições e interpretações de Chico César estiveram presentes na mídia durante o auge da pandemia e suas defesas e motivos foram pautados pelo regime de exclusão social; a polêmica em torno de uma má distribuição da vacina contra o covid 19 no Brasil, o combate, muitas vezes, irônico, ao governo negligente e suas figuras caricaturais, o isolamento social como medida de proteção contestada pelo burburinho político e etc.

Em suas letras, escutamos um exercício de síntese sobre este cenário de arruinamento, dramaticamente marcado pelo regime político dos últimos anos, mas, para fazermos jus à sua atuação engajada, precisamos dizer que suas letras, muito antes da chegada avassaladora do governo bolsonarista que viveu no Brasil de 2019 a 2022, sempre foram orientadas politicamente. Em “Reis do agronegócio”, uma balada dylaniana com seus 11 minutos de duração, em parceria com Carlos Rennó, o cantor entoa:

Ó donos do agrobis, ó reis do agronegócio
Ó produtores de alimentos com veneno
Vocês que aumentam todo ano sua posse
E que poluem cada palmo de terreno
E que possuem cada qual um latifúndio
E que destratam e destroem o ambiente
De cada mente de vocês olhei no fundo
E vi o quanto cada um, no fundo, mente.

(César, Rennó, Reis do agronegócio, São Paulo: César; Ruzitscha, 2015. CD (1:07:40))

A canção gravada no disco *Estado de Poesia*, lançado ainda no ano de 2015, tem no seu clamor e na forma como se dirige aos “reis do agrobis”, um engajamento político fortemente marcado, por meio do qual o artista recita os seus versos nos lançando à um diálogo entre o trabalhador e os “donos” do agronegócio, no qual ouvimos, por fim, o “menestrel” rebelado que insulta os reis, nos falar de sua condição. Ao observar a cena, inevitavelmente, perguntamo-nos sobre em qual posição estamos, na condição de quem, por sua vez, recepciona o diálogo que é colocado pela canção como ouvinte que ingressa no enredo da canção. Este incômodo levanta a possibilidade de uma interlocução do texto por via da qual se marca uma afinidade com o que está sendo dito e, assim, estabelece-se uma atenção voltada a quais circunstâncias estão ligados o oprimido e o opressor, esperando a simpatia do espectador pelo sofrimento dos vencidos. Melhor dizendo, não um apelo, ou, uma simpatia, todavia, um assalto em que se incorpora a crítica como exercício reflexivo no interior da canção, que se apropria da raiva do personagem para denúncia daquilo que também tomamos conhecimento a partir de seu reclame, ao elaborarmos juntos, por fim, o sentido do conflito.

Espera-se, um envolvimento com a revolta do oprimido ao se dirigir aos reis do “agronegócio”, colocando-os para um embate, quando, alguém reclama sobre o modo como os latifundiários agem, ao dizer, “De cada mente de vocês olhei no fundo/E vi o quanto cada um no fundo mente” (César; Rennó, 2015). Agora, devemos ressaltar que apesar do cenário de extrema violência e severidade, não se trata de terra arrasada, porque, ao anunciar que entende o real sentido da visão introjetada por tal deturpação, a canção se estabelece e reflete, desde o seu interior, sobre a relação precária entre os ricos possuidores de terras e o despossuído, aquele que está, enfim, sujeito ao modo como os “donos” do agronegócio distribuem, ou, não, os recursos alimentícios. Ou seja, há uma proposição na configuração conceitual do engajamento que nada tem a ver com ações prescritas em um panfleto, ou, propaganda partidária, ou, até mesmo, um programa de ações, quando sim o que há é uma preocupação em deslocar o modo de atenção para o seu espaço para ação demarcado pelo seu regime social.

É importante colocar o trecho sob a pluralidade de relações que poderiam suscitar tais tensões, uma vez que, no contexto do engajamento político literário no plano filosófico benjaminiano, o que deve embasar as relações do meio artístico é um diálogo performativa das linguagens que ambos utilizam no seu registro isolado. Ou seja, Benjamin explora um lugar de conflito que pretende trazer para o em torno dos objetos estéticos e a discussão política instalada neste lugar, conexões e orientações gerais sobre o fazer intelectual sem o ranço das prescrições e diretivas, de um saber que se imporia na sua única forma teleológica. Como se dispusesse de uma grande agenda em que determinada teoria do engajamento seria renovada a cada exercício, legando-nos exemplos de interpretação, modulações linguísticas e de apresentação textual, até mesmo de gênero, no sentido de agudizar as relações estético-políticas desde o interior do próprio campo.

Se escutamos, a canção “Reis do agronegócio, até o final, um grito de revolta coloca, um desfecho redentor para os reclames suscitados: “Saibam vocês, que ganham com um negócio desse/Muitos milhões, enquanto perdem sua alma/Que eu me alegraria, se afinal, morresse/Esse sistema que nos causa tanto trauma/Eu me alegraria, se afinal, morresse” (César; Rennó, 2015). A substância vingativa na raiva de quem luta a luta contra um “sistema” opressor, “que causa traumas”, é próprio de quem se encontra no lugar daquele que lida com um adversário que exige uma relação muitas das vezes mimética das formas, ao falar na “língua dos artista”, conforme diria uma das treze teses sobre a técnica do crítico, para que haja o diálogo frontal (Benjamin, 2017). No intertítulo seguinte falamos, então, sobre a política das formas, onde exatamente aparece com maior ênfase a especificidade do engajamento no meio artístico, sobretudo, porque responde às suas demandas de transformação com uma linguagem própria e recursos singulares, e estabelece, enfim, uma

circunscrição para suas ações no campo político cultural elevando seus embates ao lugar da crítica por meio da escrita reflexão.

A política das formas

A trama de “Reis do agronegócio”, entoada por Chico César (2015) ao violão, tem um tom trovadoresco, ou, assim como Allen Ginsberg diria sobre Bob Dylan, algo de “menestrel”, o que significa que a poesia se une a canção determinadamente, conforme nos relembraria C. Rennó (2008), um dos parceiros de Chico César. A partir dessa união, que também aparece em outras canções, isso viria acompanhado de uma forte identificação do seu trabalho musical com a comunicação de temas políticos, o que nos conduz a um traço, inescapável, nas discussões sobre a configuração do conceito de literatura engajada e que, a meu ver, também fez parte da construção crítica no pensamento de Benjamin. Conforme indica Silveira (2018), determinada premissa comunicativa marcou a recepção pública da música de Chico César, justificada sob uma tendência na abordagem de suas canções que adota um esquematismo para tratar os temas políticos no seu repertório:

As coisas ligadas à sexualidade, aspectos regionais, a raça, muito bem definidas na concepção do poeta, são colocadas num processo necessário de enquadramento. A música traz elementos ligados à sexualidade, a gênero, a raça a contestação social, logo, inicia-se a busca pela categorização da produção, nem sempre buscando a compreensão da obra de arte, mas do enquadramento racializado e regionalizado – que se confundiram. (Silveira, 2018, p. 47-46)

Não restam dúvidas de que a carga política está diretamente associada ao projeto estético do artista no seu horizonte de ação mais amplo, ou, como defende Chico César: “Nós, os artistas, muitas vezes somos confundidos com aqueles que estão em busca de um lugar na corte, para alegrar a corte, esse é um risco muito ruim, porque, na verdade, nós somos aqueles que existem para criticar a corte (César apud Alves, 2020). Ao que complementa Alves, apontando para o que realmente se faz necessário para o artista, como a formulação de “uma crítica que aponte o sofrimento e a desesperança para problematizar pela via da composição a reinvenção de um mundo melhor” (Alves, 2022, p. 105). Este é o alicerce que embasa o engajamento estético político em funcionamento no horizonte das composições que o artista executa e até mesmo por isso o “enquadramento” falha e se torna irrelevante a longo prazo.

O papel das formas que cada interpretação sugere é sim o de agudizar as tensões suscitadas pelo contexto social, o que podemos ver em “Pico”, por exemplo, quando uma marcha de carnaval é escolhida pelo cantor para contestar a notícia de que a cloroquina seria um concorrente na corrida pelo controle da pandemia de covid 19:

eu vou tomar vacina
quem não quiser
que tome cloroquina
não vou passar vergonha
quem não quiser
que escute esse pamonha. (César, Chico César, Pico, Youtube, 2021.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8cxicXwNrU>).

O poeta interrompe uma discussão pública para dizer que vai “tomar vacina” e que permaneça crente nesse “pamonha” aquele que quiser (César, 2015), por força de um chamamento de posição daqueles que igualmente irão cantar sua resistência ao negacionismo. Sobre o contexto, devemos lembrar que Jair Bolsonaro, ex-presidente do Brasil, pronunciou-se várias vezes contra a vacina e também à favor de tratamentos alternativos que não tiveram apoio científico. Bolsonaro chegou a dizer o seguinte, em fevereiro de 2021: “Quando eu falei remédio lá atrás, levei pancada. Nego bateu em mim até não querer mais. Entrou na pilha da vacina. O cara que entra na pilha da vacina, só a vacina, é um idiota útil. Nós devemos ter várias opções” (Bolsonaro, 2021, n.p) Meses depois, a Secretária de Gestão do Trabalho do Ministério da Saúde, escolhida pelo presidente, foi interrogada pela Comissão Parlamentar de Inquérito sobre a Covid 1 tendo sido questionada sua postura acerca da eficácia da cloroquina no tratamento da doença.

O frevo, tem um quê de isenção porque ele é irônico, afinal, não é verdade que o cantor não se preocupe com aquele que resolver escutar o “pamonha”, como insinua seu dar de ombros, mas, retira sim, das costas do poeta, o peso de uma posição apelativa, ou, um engajamento prescritivo. A canção polemiza mas, não obriga. Neste modo de engajamento a que nos referimos, a fala aproxima de si seus pares, e mesmo com uso da sátira e da ironia, porque precisa excluir do seu raio de ações qualquer ranço de doutrinação, provoca seus pares primeiro à reflexão. No fim, conforme escutamos na segunda parte da letra, a defesa de um bom motivo para assumir a vacinação, como recurso para cura da doença, tem uma consequência concreta, qual seja, a possibilidade ou não de se brincar o carnaval:

estou já de braço esticado
com o muque amarrado
pra tomar esse pico
se o vírus me pega e me agarra
cadê minha marra
como é que eu fico?
- não brinco o carnaval nem um tico (César, Chico César, Pico, Youtube, 2021.
Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8cxicXwNrU>).

O engajamento na análise literária benjaminiana, também parece superar esse impasse limítrofe entre os modelos de engajamento nas artes que ficaram presos ao panfletário e aqueles que, de alguma forma, elaboraram um outro modo de acionar os recursos estéticos nas suas tomadas de posição, elevando-os ao estatuto crítico e atribuindo, assim, uma propriedade particular ao seu modo de fazer a inserção pública daquilo que diz. A canção é provocativa, novamente, porque ela nos chama ao envolvimento primeiro pelo temário, que foi recolhido dos acontecimentos públicos e precipita uma atitude que quebra com a ideia sustentada pelo discurso ideológico, enquanto dança, enquanto entoa o ritmo que anima uma festa popular que precisou ser cancelada para estar de acordo com as medidas de proteção à saúde estipuladas naquele momento para o país.

Esse traço dentro do engajamento, atribui uma força característica ao confronto com a ideologia doutrinária e panfletária, sempre presente na refutação da política engajada, haja vista que, trata-se, então, de falar aos pares e à eles dirigir os reclames, quando, no seu fim, o seu discurso, sustenta uma interação do poeta com os seus, dos artistas com sua linguagem, na reflexão. Ou seja, não são palavras de ordem que educam para uma ação revolucionária imediata o que encontraremos neste terreno, mas a construção de um discurso que atinge o sistema do pensamento crítico, de dentro para dentro, ao afirmar uma convicção compartilhada por aqueles que defendiam a vacinação e rechaçando, na sua contrapartida, a utilização da cloroquina. O engajamento artístico tem que ver com o próprio campo estético e suas limitações latentes, esse é seu verdadeiro raio de ação.

Assim como se dá em Benjamin, parece-nos que há um movimento semelhante nas atitudes de Chico César, que é a criação de uma atmosfera política atravessada pela polêmica, em que, o conflito do poeta, que resiste ao agronegócio, resiste aos adeptos do governo regido por um “pamonha”, aos reis, os insultando e desejando sua morte, dirige-se aos nossos ouvidos e nos reclama uma presença como quem chama os transeuntes para assumir a briga. É como se xingasse em voz alta seu adversário, que se encontra do outro lado da calçada e com um piscar de olhos, chame-nos para tomar partido nas acusações levantadas, contra um adversário que também é nosso: o engajamento estético político age por meio da politização da inteligência ao deslocar para o seu meio assuntos comuns, que condensam as mais profundas mazelas sociais, na composição de sua forma. Age pela fixação de imagens que nos alertam para uma reflexão crítica do capitalismo.

Tempo de agora

Um dos pontos comuns nas atitudes poético-engajadas que abordamos neste trabalho, e que gostaríamos de trazer como apontamento para marcar nossa conclusão, é o modo como relacionam-se com seu próprio tempo. Ambos conectam-se diretamente com sua historicidade e buscam produzir saídas estéticas para exposição da crítica ao precário; ao abusivo, ao violento estado capitalista, que os acomete e oprime no tempo presente, sob a ordem do dia, ao mesmo passo que estão antenados à uma tradição dos oprimidos, quando colocam seu reclame no estigma da crise social. Todavia, igualmente em uníssono, tanto Benjamin quanto Chico César, em se tratar de engajamento político literário, estético político, poético, propõem uma visão da arte como meio de produzir a reflexão e fazem disso sua política, sem declinar ao discurso doutrinário. Os recursos dos quais lançam mão na sua atitude engajada revelam a fortuna de tal posição através da mediação estética.

Benjamin respondeu, no contexto de uma imprensa e propaganda imersas no ideal hegemônico do entreguerras, a uma linguagem empobrecida e totalmente instrumentalizada, o que está flagrante nos comentários que fez de Karl Kraus, por exemplo. Já dissemos sobre o envolvimento de Chico César no cenário político brasileiro, sobretudo, no auge do período pandêmico do Brasil. Nas entrelinhas, Carlos Rennó também se torna partícipe do que viemos tratar, poeta que em seu site oficial, reserva uma aba dedicada às “composições engajadas”, nos saudando com imenso repertório para discussão mais dirigida do assunto. A historicidade da palavra e, mais do que isso, sua articulação no campo estético literário, suscitam uma retomada radical de seus pressupostos, com a finalidade de atingir uma configuração conceitual mínima para discussão. O que significa o engajamento político literário, frente às artes e à política à qual respondem? Quais são suas funções específicas? Como estabelecer seus princípios sem cair no ocaso de uma nova formatação do discurso prescritivo baseado em ações ordenadas?

Trata-se da compreensão mais profunda do lugar de atuação do intelectual na sociedade, mas, trata-se, igualmente, de modo aprofundado, de estabelecer a função da arte na sociedade, sendo parte de seu argumento, uma experiência da arte por meio da crítica. Porém, se a crítica, enquanto reflexão, imerge na arte para pronunciar-se no seu meio com maior precisão, a arte também se apropria da reflexividade crítica para expor seu vínculo social como elemento necessário. O conceito de engajamento político no meio da literatura, portanto, ajuda-nos a pensar tais imbricações que são nada menos do que transversais ao panorama mais amplo da relação entre a estética e a política. A partir de sua configuração conceitual podemos, enfim, encontrar um meio pelo qual refletimos a manifestação do engajamento político nas artes.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. W., *Primeiros escritos filosóficos*. Tradução de Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Diário parisiense e outros escritos: A nova literatura francesa de Proust, Gide e Valery*. Tradução de Carla Milani Damião e Pedro Hussak. Editora Hedra: São Paulo, 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Linguagem, tradução, literatura: Filosofia, teoria e crítica*. Tradução de João Barrento. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. *Œuvres Complètes II*. Tradução de Maurice de Gandillac; Rainer Rochlitz; Pierre Rusch. Paris: Gallimar, 2000.
- BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho, José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, Walter. *Sobre o conceito de História: Edição Crítica*. Organização e tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva, notas de Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.
- BENJAMIN, Walter. *Karl Kraus*. Tradução de Helano Ribeiro. Rio de Janeiro: 7Letras, 2022.
- BENOÎT, Denis. *Littérature e engagement: De Pascal à Sartre*. Paris: Points, 2000.
- CÉSAR, Chico. *Reis do agronegócio*. São Paulo: Urban Jungle: 2015. Álbum de música (11:02min)
- CÉSAR, Chico. *Pico*. You Tube, 11 de Dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8cxicXwNrU>
- JAMESON, Fredric. *The Benjamin Files*, Editora: Verso, 2020.

